

## CARTAS DA TRINCHEIRA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO  
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES  
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA  
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Reitora

RAIANE PATRÍCIA SEVERINO ASSUMPÇÃO



Conselho Editorial

Presidente

MIRHIANE MENDES DE ABREU

ANDRÉ MEDINA CARONE – ARLENICE ALMEIDA DA SILVA  
DANIEL CAMPOS DE CARVALHO – ELBERT EINSTEIN NEHRER MACAU  
VALERIA REGINATTO SPILLER – LUIZ EUGÊNIO DE ARAÚJO DE MORAES MELLO  
MÁRCIA AZEVEDO DE ABREU – MARIA DE FÁTIMA MORETHY COUTO  
MAURO AQUILES LA SCALEA – RONALDO ADRIANO CHRISTOFOLETTI

# CARTAS DA TRINCHEIRA

*Correspondência entre Guilherme  
de Almeida e sua musa (1932)*

Introdução, organização e estabelecimento de texto:

Maria Eugenia Boaventura



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

---

C241 Cartas da trincheira : correspondência entre Guilherme de Almeida e a sua musa (1932) / Introdução, organização e estabelecimento de texto : Maria Eugenia Boaventura – Campinas, SP : Editora da Unicamp ; São Paulo, SP : Editora Unifesp, 2024.

1. Almeida, Guilherme de, 1890-1969 - Cartas. 2. Amaral, Belkiss Barrozo do, 1901-1988. 3. Brasil - História - Revolução Constitucionista - 1932. 4. Cartas. I. Boaventura, Maria Eugenia. II. Título.

CDD – B869.65  
– 981.0621

ISBN: 978-85-268-1731-9 (Editora da Unicamp)

ISBN: 978-65-5632-196-7 (Editora Unifesp)

---

Copyright © by Herdeiros de Guilherme de Almeida  
Copyright © by Maria Eugenia Boaventura  
Copyright © 2024 by Editora da Unicamp e Editora Unifesp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp e Editora Unifesp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br  
vendas@editora.unicamp.br

Editora Unifesp  
Rua Sena Madureira, 1500 – 5º andar  
Vila Clementino  
CEP 04021-001 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: (11) 3385-4343 ramal 8393  
www.editoraunifesp.com.br | www.livrariaunifesp.com.br  
vendas@editoraunifesp.com

*Agradecimentos*

Anna Martha Villares  
Maria Isabel Barrozo de Almeida  
Roberta de Moura Botelho  
Rogério Carvalho



## SUMÁRIO

- 11** Nota sobre os textos
- 13** Introdução – Cartas de um “paulista poeta” à sua musa  
Por Maria Eugenia Boaventura
- 39** De Baby (Belkiss Barrozo do Amaral)  
Para Guilherme de Almeida
- 91** De Guilherme de Almeida  
Para Baby (Belkiss Barrozo do Amaral)



## NOTA SOBRE OS TEXTOS

Todas as cartas são autógrafas e à tinta. As suas datas foram padronizadas. Atualizamos a ortografia e mantivemos a pontuação original, apenas corrigimos eventuais gralhas. Trechos cujo entendimento não ficou claro, assinalamos com [sic]. Os nomes próprios foram mantidos em sua grafia original.

A descrição do suporte das cartas aparece sempre no final de cada documento entre colchetes, bem como a dos envelopes, quando foi possível identificá-los. Acusamos em nota as passagens escritas nas margens da folha de papel.

O material aqui reproduzido constitui o Fundo Guilherme de Almeida, do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Cedae/IEL-Unicamp), adquirido durante a gestão do reitor Fernando Costa, por iniciativa do professor Alcir Pécora.



## INTRODUÇÃO

# CARTAS DE UM “PAULISTA POETA” À SUA MUSA

*Maria Eugenia Boaventura*

Guilherme de Andrade Almeida (1890-1969) nasceu em Campinas, diplomou-se pela Faculdade de Direito na capital do estado, em 1912, sendo colega e amigo de Oswald de Andrade (1890-1954), de quem foi parceiro na dramaturgia (*Leur âme* e *Mon coeur balance*, 1916, e *O perfeito cozinheiro das almas desse mundo...*, 1918).

Exerceu intensamente a atividade jornalística, sobretudo depois que abandonou a carreira de advogado e promotor, incentivado por seu pai, o jurista e professor Estevam de Almeida (1863-1926). Publicou, quando jovem, em inúmeras revistas ainda hoje conhecidas, tais como *A Cigarra* (onde estreou em francês), *Onze de Agosto*, *O Pirralho*, *A Vida Moderna*, *Panóplia*, nos anos 10 do século XX. Foi redator de *O Estadinho* (1917), tiragem noturna de *O Estado de S. Paulo*, e depois, também nesse jornal, em diversos momentos até 1943, tendo assinado várias seções de crônicas diárias, bem como no *Diário Nacional* (1927), na seção “Pela Cidade”;<sup>1</sup> criou programas semanais na Rádio Cruzeiro do Sul – “Momentos de Poesia”, *Preview* – sobre cinema (1933), bem como

<sup>1</sup> Cf. Frederico Pessoa de Barros (org.). *Pela cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

na Rádio Difusora de S. Paulo; dirigiu a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite* (1943-1945); fundou o *Jornal de S. Paulo* (1945). Foi ainda redator do *Diário de S. Paulo* (1947-1957) e da *Manchete* (1958). Participou da Semana de Arte Moderna, colaborou na famosa revista *Klaxon* (1922), cuja capa irreverente foi de sua autoria, e em muitos outros periódicos do Modernismo, como *Paulistana* (1927), da qual também foi diretor e ilustrador, ajudado por Di Cavalcanti, autor de vistosas ilustrações. Escrevia em francês, italiano e espanhol; talvez tenha sido o poeta modernista mais popular, publicando cerca de 50 livros de poesia e tradução, todos com sucessivas reedições.

Ajudou a fundar o Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC (1948), e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz (1949). Exerceu vários cargos públicos, desde os mais permanentes, como a Secretaria da Escola Normal Padre Anchieta (1923-1954), até aqueles mais efêmeros, a exemplo de chefe da Divisão de Expansão Cultural da Prefeitura de São Paulo (1935); oficial de gabinete do interventor Fernando Costa (1941); secretário-geral do Conselho Estadual de Bibliotecas e Museus (1943-1948); chefe de gabinete do prefeito Lineu Prestes (1948); presidente da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954). Tornou-se membro do Instituto Geográfico e Histórico de São Paulo; presidente da Associação Paulista de Imprensa (1937-1939); integrou o Seminário de Estudos Galegos (Santiago de Compostela) e o Instituto de Coimbra. Convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek, fez o discurso oficial da inauguração de Brasília. Interessou-se também pela heráldica, tendo criado os brasões de armas das seguintes cidades: São Paulo, Caconde (SP), Iacanga (SP), Embu (SP), Petrópolis (RJ), Volta Redonda (RJ), Londrina (PR), Brasília (DF) e Guaxupé (MG). Elegeu-se para a Academia Paulista de Letras (1928), em seguida para a Academia Brasileira de Letras (1930), da mesma forma Príncipe dos Poetas Brasileiros (1958) e recebeu a *Legion d'honneur* (alta condecoração honorífica da França).

Belkiss Barrozo do Amaral, ou melhor, Baby (1901-1988), casou-se com o poeta modernista Guilherme de Almeida em 1923; eles tiveram

um filho em 1924 – Guy Sérgio Haroldo Estevam Zózimo Barrozo de Almeida. Baby foi retratada por vários artistas do século passado, tais como Di Cavalcanti – 1924; Reis Jr. – 1926; Lasar Segall – 1927; Anita Malfatti – 1930; Wagner Castro – 1940; Quirino da Silva – 1942; Noêmia – 1942; Sanson Flexor – 1948; Vittorio Gobbis – 1951; e esculpida por William Zadig. Era uma mulher moderna, bem formada, desinibida, fluente no francês; gostava de vestir-se de acordo com o seu tempo, lançando, volta e meia, um modelo novo de corte de cabelo, como mostram os seus retratistas. Cearense (filha do importante engenheiro Zózimo Barrozo do Amaral, colaborador do prefeito carioca Pereira Passos, e prima do famoso jornalista com o mesmo nome do avô), educada na Europa, viveu muito tempo no Rio de Janeiro, mas adaptou-se bem à vida paulistana e invariavelmente atuava com seu marido, sobretudo nas atividades sociais e culturais. Era tida como uma pessoa expansiva e ao mesmo tempo misteriosa. Católica praticante, tinha presença assídua nas missas dominicais, colecionava imagens antigas dos santos de sua devoção, na sua residência decorada com objetos de arte e peças da época colonial. Em fotografias de grupo de artistas e escritores da época, lá estava ela. O casal não se separava, inclusive Baby acompanhou o poeta na célebre excursão por alguns estados para divulgar o Modernismo com a conferência “Revelação do Brasil pela poesia moderna” (1925).<sup>2</sup>

A chamada Revolução Constitucionalista (1932) e a incondicional adesão de Guilherme transformaram-se em assuntos polêmicos. Quando o então presidente Getúlio Vargas começou a tomar medidas políticas consideradas injuriosas e humilhantes pelos paulistas, o cronista de “Eco ao longo de meus passos”, que reputava essa atitude como “uma marcha contra São Paulo”, assumiu a condição de um dos críticos ferrenhos da nova República. Tão logo a revolta se iniciou, no dia 9 de julho

<sup>2</sup> Entre setembro e novembro de 1925, o casal esteve em Porto Alegre e Recife. A conferência foi publicada no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* em 17 de fevereiro de 1962.

daquele ano, alistou-se intempestivamente como soldado raso na 2ª Companhia do 1º Batalhão da Liga de Defesa Paulista.<sup>3</sup> Em consequência desse ardoroso engajamento, exilou-se em Portugal, depois da derrota (1932-1933).

O poeta português Leitão de Barros, em dezembro de 1932, ao receber Guilherme, em sessão solene na Academia de Ciências de Lisboa, como um dos grandes poetas da língua portuguesa, concluiu seu discurso com a seguinte observação:

[...] o poeta que luta, de armas na mão, por uma causa oportuna ou inoportuna, útil ou inútil, mostra ser claramente, indiscutivelmente, um idealista extremo – e que a sua poesia, a sua faculdade poética, assentam em bases de inabalável solidez, porque nasce de uma sôfrega sede de altura e de um profundo anseio de superar as inércias quotidianas, as covardias e as hesitações que nos diminuem.

Todavia, Guilherme preferia definir-se não como um “poeta paulista”, mas como um “paulista poeta”.

Enviado inicialmente para a região de Pindamonhangaba, ficou em Cunha, depois em Guaratinguetá, no “Batalhão de Doutores”, junto com seus irmãos, Tácito, Antônio Joaquim e Estevinho, mais Carlos Pinto Alves, Rubens Borba de Moraes, Antônio Gomide, Alfredo Ellis Júnior, Carlos de Moraes Andrade, René Thiollier, Sérgio Milliet, entre outros. O grupo, além de Antônio Carlos Couto de Barros (dispensado para dirigir a Liga na capital), reuniu intelectuais engajados, voltados primordialmente para impulsionar a vida cultural, econômica, política e social do estado de São Paulo.<sup>4</sup> Imaginava-se que essa revolta duraria

<sup>3</sup> Entidade criada por iniciativa de estudantes das escolas de direito, medicina e engenharia. Extinta em 1924, refundada em 1931, por Tácito de Almeida, para lutar pelos direitos de São Paulo, contou com a participação de outros escritores modernistas.

<sup>4</sup> Cf. Maria Eugenia Boaventura. *Couto de Barros: a elite nos bastidores do Modernismo paulista (1896-1966)*. Campinas/Cotia, Editora da Unicamp/Ateliê, 2022.

pouco tempo e o entusiasmo dos paulistas seria suficiente para a vitória. A demora no seu desfecho começou a desagradar aos combatentes, como o nosso missivista – “Mas isto está durando”.

Como disse, pareceu controversa a sua participação nesse movimento. Alguns consideravam que teria sido mais proveitosa a presença do escritor na capital com o objetivo de operar na Liga, sobretudo no setor de comunicação e imprensa, onde atuavam Antônio Carlos Couto de Barros, Bento Camargo, Vivaldo Coaracy, Mário de Andrade, entre outros. Sobre o comprometimento apressado daqueles intelectuais, o jornalista Coaracy ponderava:

Converse com o Carlos e o Tácito. Vocês três nos fazem aqui uma grande falta. Eu sempre lhe disse que achava um erro a precipitação com que vocês se alistaram no nosso batalhão e seguiram para as trincheiras, quando os seus serviços poderiam ser muito mais eficientes aqui.<sup>5</sup>

Esse alistamento abrupto talvez tenha sido uma questão de simbologia. No caso de Guilherme, jornalista, escritor de sucesso, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), a sua presença e a de outras personalidades poderiam animar as tropas, estimular o alistamento de jovens e chamar atenção dos colegas de outros estados a propósito da situação de São Paulo. De fato, houve boa recepção ao chamado Batalhão de Doutores nas cidades de Cunha (apreciada por sua arquitetura antiga e pelos objetos a serem garimpados para decoração) e Guaratinguetá, sobretudo vinda dos soldados. Resultou também na ajuda com hospedagem e alimentação. Sem falar no assédio das jovens, em torno do escritor famoso, perfeitamente aceitável da parte de sua mulher, pois encarava isso como uma possibilidade de diversão para os combatentes. Do mesmo modo, alimentou a cobertura da imprensa a respeito da participação do poeta nessa guerra.

<sup>5</sup> Carta a Guilherme de Almeida, datada de 7 de agosto 1932. Fundo Guilherme de Almeida, IEL/Unicamp.

Entretanto, apesar dessa repercussão, a Academia Brasileira de Letras parece não ter respondido ao seu requerimento (ver anexo) cobrando um pronunciamento da entidade sobre a guerra. Guilherme resolveu transformá-lo numa carta pública, como se fosse feito e divulgado em nome de São Paulo. O texto saiu do domínio privado – comunidade de acadêmicos – para uma leitura nas rádios e publicação em vários jornais.<sup>6</sup> A estratégia foi ressaltar a sua condição de único membro da ABL participante no conflito. Acreditava que essa fala, a partir da zona de guerra, conferia-lhe autoridade para enfatizar a injustiça feita a seu estado e, principalmente, tentar obter apoio. Apelava para que houvesse uma manifestação inequívoca sobre o movimento constitucionalista brasileiro, “reação altamente intelectual, que unicamente visa, pela força da Lei, reerguer o Brasil que o regime ditatorial afundou na anarquia”. Considerava legítimo, na qualidade de acadêmico e “soldado dos exércitos da lei”, o direito de ouvir seus pares sobre o ideal que abraçara.

A epistolografia alimentava a atuação poética do escritor. Várias obras foram derivadas dessa experiência: *Carta à minha noiva* (1923), *Cartas que eu não mandei* (1932), *Cartas do meu amor* (1941). Antes de se casar, ainda vivendo no Rio de Janeiro, sem se conhecerem pessoalmente, assinando com o pseudônimo Ivonne, Baby trocou cartas amorosas em francês com Guilherme, que as respondeu para uma espécie de caixa postal, durante pelo menos um ano. Esse conjunto serviu de base para aquele último livro, ilustrado por Noêmia,<sup>7</sup> como revelou a sua neta Maria Isabel Barrozo de Almeida.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> *O Estado de S. Paulo*, 8 de setembro de 1932. *Folha da Noite*, 8 de setembro de 1932, p. 1. *Diário de S. Paulo*, 8 de setembro de 1932.

<sup>7</sup> Noêmia Mourão, pintora, desenhista, cenógrafa, foi casada com o pintor Di Cavalcanti.

<sup>8</sup> Ver Maria Isabel Barrozo de Almeida. “Um romântico entre os haicaístas”. *Monografias. Guilherme de Almeida*. São Paulo, Aliança Cultural Brasil-Japão, 2008.

REQUERIMENTO E PROPOSTA APRESENTADOS PELO ACADEMICO  
GUILHERME DE ALMEIDA, NA SESSÃO ORDINARIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
LETRAS DE 8 DE SETEMBRO DE 1932

"Sr. Presidente

Guilhermes de Almeida, membro effectivo da Academia Brasileira de Letras, usando das prerogativas que lhe confere a letra "c" de Cap. I, art. 1.º, § 2.º dos Estatutos, mas não podendo, por força das circunstancias, estar presente á sessão ordinaria de 8 de setembro de 1932 nem apresentar "por escripto", como exige o citado dispositivo regulamentar, a indicação que vai apresentar, pede a V. Excia. se digno receber, transmittida pelo radio (unico vehiculo que a situação anormal ainda permite usar entre Rio e S. Paulo), e submeter á discussão e votação da illustre assembléa a seguinte proposta:

considerando que o actual movimento constitucionalista encabezado por S. Paulo e Mato Grosso e já auspiciado pelas adhesões dos Estados do Rio Grande do Sul e de Minas, é, por sua natureza mesma, não uma acção de politicos, mas uma reacção altamente intellectual, que unicamente visa, pela força nobre da Lei, reerguer o Brasil que o regimen dictatorial afundou na anarchia;

considerando que a Academia Brasileira de Letras, sendo a mais graduada e significativa corporação intellectual do paiz e entidade oficialmente reconhecida de utilidade publica, não pôde, sem fugir ás suas altas, legítimas finalidades, ou trahir a superior mentalidade que representa, ou furtar-se ao cumprimento dos sagrados deveres moraes e patrióticos, deixar de tomar conhecimento e assumir attitude ante a campanha constitucionalista que ora empolga o povo brasileiro;

considerando que uma neutralidade, neste momento vital e decisivo para a nossa raça e nossa civilização, não corresponderia ás nobilissimas tradições da Academia Brasileira de Letras;

considerando que, entretanto, ainda não chegou ao conhecimento dos brasileiros que se batem pela Constituição qualquer pensamento da Academia sobre a causa que defendem;

considerando, afinal, que ao proponente, soldado dos exercitos da Lei, unico talvez sahido das fileiras academicas, assiste de certa maneira o direito de ouvir a opinião dos seus pares sobre o ideal que livremente abraçou e a ~~mesma~~ attitude ~~mas~~ definida que definitivamente tomou;

propõe que a Academia Brasileira de Letras, sob qualquer forma e em qualquer sentido se manifeste, urgentemente e de modo inequivoco, sobre o movimento constitucionalista brasileiro".

S. Paulo, 7 de setembro de 1932.

*Guilherme de Almeida*  
Guilhermes de Almeida

## A ACADEMIA BRASILEIRA E A REVOLUÇÃO

O academico Guilherme de Almeida requer que a Companhia se manifeste

### que a Academia Brasileira sobre o movimento

POSTA APRESENTADA, NES

O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1932

Guilherme de Almeida, soldado do Batalhão da Liga de Defesa Paulista, no exercicio constitucionalista, e membro da Academia Brasileira de Letras, vai dirigir hoje aquella corporação, pelo respeito devido ao movimento iniciado por São Paulo e Mato Grosso em prol da Constituição.

O nosso prezado companheiro de redacção, que é membro da Academia Brasileira de Letras desde Junho de 1930, tem assistido a varias sessões, mas até hoje nenhuma proposta nem requerimento apresentara á corporação. E' pois esta a primeira vez que o distincto poeta se manifesta em sessão ordinaria da Academia, embora, em virtude da situação, o tivesse que fazer por intermedio do radio.

A sua proposta será irradiada repetidamente desde esta madrugada até ás 17 horas, em que se iniciam as sessões ordinarias da Academia.

São os seguintes os termos do requerimento de Guilherme de Almeida:

"Sr. Presidente, Guilherme de Almeida, membro effectivo da Academia Brasileira de Letras, usando das prerrogativas que lhe confere a letra "c" do Cap. I, artigo 1.º, paragrapho 2.º dos Estatutos, mas não podendo, por força das circunstancias, estar presente á sessão ordinaria de 8 de Setembro de 1932 nem apresentar "por escripto", como exige o citado dispositivo regulamentar, a disposição que vae apresentar, pede a v. exa. se digne receber, transmittida pelo radio (unico modo que a situação anormal ainda permite usar entre Rio e São Paulo), e submeter á dis-

cusão e votação da Ilustre assembleia a seguinte proposta: Considerando que o actual movimento constitucionalista, encabezado por São Paulo e Mato Grosso e já auspiciado pelos grandes do Sul e de Minas, é, por sua natureza mesma, não uma acção de politica, mas uma reacção altamente intellectual, que unicamente visa, pela força do braço da Lei, reerguer o Brasil que o regimen ditatorial atendeu na anarchia;

considerando que a Academia Brasileira de Letras, sendo a mais graduada e significativamente corporação intellectual do país e entidade oficialmente reconhecida de officio publica, não aquelle que pode, sem fugir ás suas altas e legitimas finalidades, ou trahir a superior mentalidade que a apresenta, ou furtar-se ao cumprimento de sagrados deveres patrioticos, deixar de assumir attitude ante a campanha constitucionalista que empolga o povo brasileiro; considerando que uma neutralidade, neste momento vital e decisivo para nossa raza e nossa civilização, não correspondem ás nobilissimas tradições de unidade e coragem da Academia Brasileira de Letras;

considerando que, entretanto, ainda não chegou ao conhecimento dos brasileiros que se batem pela constituição, qualquer pensamento da Academia sobre a causa que defendem; considerando, afinal, que ao proponente, soldado das exercitos da Lei, unico talvez sahido das fileiras academicas, assiste o direito de certa maneira o direito de ouvir a opinião dos seus pares sobre o ideal que defende e a attitude tomou; que definitivamente a Academia Brasileira de Letras, sob qualquer forma e em qualquer sentido se manifeste, urgentemente e de modo inequivoco, sobre o movimento constitucionalista brasileiro".

São Paulo, 7 de Setembro de 1932. — (a.) Guilherme de Almeida.

respeitavel convidado pelo da Almeida, se sentido. E, a reunião do Petit Triangulo, que será ás 17 ho-

o movimento conside- da não se conhece pensamento da ra de Letras so-

o movimento conside- da não se conhece pensamento da ra de Letras so-

o movimento conside- da não se conhece pensamento da ra de Letras so-



GUILHE...  
...mas...  
...intellectual...  
...ela força...  
...Brasil q...  
...ndou n...

# DA NOITE

ra, 8 de Setembro de 1932

## Brasileira de Letras se p ento constitucionalista

### SE SENTIDO, PELO ACADEMICO DE ALMEIDA



ERME DE ALMEIDA  
uma reacção altai  
que unicamente  
nobre da Lei, re  
ue o regime dict  
a anarquia;

## ACADEMICO GUILHERME DE ALMEIDA CONVIDA A ACADEMIA BRASILEIRA A SE MANIFESTAR SOBRE O MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA

O sr. Guilherme de Almeida, soldado do Batalhão da Liga de Defesa Paulista e membro da Academia Brasileira de Letras apresentará hoje, á sessão do Instituto o requerimento de que postea que publicamos abaixo. Impossibilitado, porém, de comparecer pessoalmente á reunião, o academico paulista, á hora regimental, lerá pelo radio, nesta Capital, as seguintes palavras:

"Sr. presidente.

Guilherme de Almeida, membro efetivo da Academia Brasileira de Letras, usando das prerrogativas que lhe confere a letra "c" do capitulo I, art. 1.º, paragr. 2.º dos Estatutos, mas não podendo, por força das circunstancias, estar presente á sessão ordinaria de 8 de setembro de 1932, nem apresentar "por escrito", como exige o citado dispositivo regulamentar, a indicação que vai apresentar, a v. excia. se digne receber, transmitida pelo radio (unico veiculo que a situação anormal ainda permite usar entre Rio e S. Paulo), e submeter á discussão e votação da illustre assembléa a seguinte proposta:

Considerando que o actual movimento constitucionalista, encabezado por S. Paulo e Mato Grosso e já auspiciado pelas adesões dos Estados do Rio Grande do Sul e de Minas, é, por sua natureza mesma, não uma acção de politicos, mas uma reacção altamente intellectual, que unicamente visa, pela força nobre da Lei, reerguer o Brasil que o regime ditatorial afundou na anarquia;

considerando que a Academia Brasileira de Letras, sendo a mais graduada e significativa corporação intelectual do pais e entidade oficialmente reconhecida de utilidade publica, não pode, sem fugir ás suas altas, legítimas finalidades, ou trair a superior finalidade que representa, ou furtar-se a cumprimento de sagrados deveres morais e patrióticos, deixar de assumir attitude ante a campanha constitucionalista que ora empenha o povo brasileiro;

considerando que uma neutralidade, neste momento vital e decisivo para nossa raça e nossa civilização, não corresponderia ás nobilissimas tradições de dignidade e coragem da Academia Brasileira de Letras;

considerando que, entretanto, ainda não chegou ao conhecimento dos brasileiros que se batem pela Constituição, qualquer pensamento da Academia sobre a causa que defendem;

considerando, afinal, que ao proponente, soldado dos Exercitos de Letras academicas, assiste de certa maneira o direito de ouvir a opinião dos seus pares sobre o ideal que livremente abraçou e a attitude definida que definitivamente tomou;

propõe que a Academia Brasileira de Letras, sob qualquer forma e em qualquer sentido se manifeste, urgentemente e de modo inequivoco, sobre o movimento constitucionalista brasileiro".

S. Paulo, 7 de setembro de 1932.  
(a) Guilherme de Almeida.

DIARIO DE S. PAULO

— Quinta-feira, 8 — 9 — 1932

É sabido que os modernistas de modo geral tiveram consciência de seu papel histórico, preservando vasta documentação, mesmo tendo uma vida agitada de mudanças de endereço, viagens, guerras, separações amorosas etc. Entre outros documentos, cartas íntimas foram conservadas no arquivo do escritor, apesar do risco de serem mais tarde divulgadas, como no caso em questão. Ao montar este volume, inspirei-me na recomendação do poeta-soldado à sua mulher de conservar fotos, objetos, documentos diversos sobre o movimento de 1932, convicto de sua importância futura. Uma sorte para o leitor, que terá agora um livro com pretensão de restaurar certa trama particular, num momento complexo da história paulista, a partir do ponto de vista desse casal. Ainda pode transformar-se numa espécie de *voyeur*, curioso por embrenhar-se pelo desenrolar desse distanciamento.

A partir de 25 de julho desse ano, começou essa nova série de correspondência entre Guilherme e Baby. Durou até 15 de agosto, quando o escritor retornou a São Paulo, chamado por Bertoldo Klinger, o comandante-militar daquela Revolução. Esse singelo conjunto funciona como porta-voz de estratégias políticas, socioculturais e afetivas; opera ainda como uma crônica das convenções sociais de determinada classe. Por exemplo, os envelopes, subscritos pelo poeta à sua mulher, não declaravam o nome civil dela. Em todos esses paratextos o destinatário é invariavelmente a “*Madame* Guilherme de Almeida”, e o endereço, a residência do casal, Alameda Ribeirão Preto 12, mesmo se a carta fosse entregue por um portador amigo. Talvez uma artimanha para evitar a exposição pessoal da sua musa, ou seguir convenções de praxe de uma sociedade provinciana, em relação ao estatuto de uma mulher casada. Pode parecer espantosa tal atitude em se tratando de um escritor modernista militante, que pretendia, com sua atuação intelectual, quebrar paradigmas. Mas a historiografia literária brasileira do movimento revela esse tipo de contradição, unânime pelo menos entre os nomes mais conhecidos.